

HISTÓRIAS DE VIDA: IDENTIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

SANTANA, Liliane Maria¹
HÉRCULES, Thais Carvalho²
ABRANTES, Vânia³

RESUMO

A educação integral concebe crianças e adolescentes como sujeitos de direitos em condição peculiar de desenvolvimento e tem o compromisso com a formação das diversas dimensões humanas e trata de conhecimentos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais na construção de habilidades e competências cognitivas e socioemocionais. A formação identitária dos estudantes e a construção dos seus projetos de vida é responsabilidade compartilhada entre família e sociedade. A escola tem papel preponderante, pois, como instituição formativa, é responsável por ajudar a formar cidadãos ativos em seus compromissos sociais e políticos, cientes da necessidade de combater as desigualdades sociais. Com esse objetivo, as professoras do 5º ano do ensino fundamental pautaram o combate à desigualdade social e exclusão por meio de propostas interdisciplinares desenvolvidas a partir do conhecimento de diferentes histórias de vida, provocaram a reflexão dos estudantes sobre suas realidades e suas múltiplas facetas e a ampliação das suas leituras de mundo para a transformação da realidade. O trabalho com os livros “Artistas brasileiras”, “Malala, a menina que queria ir para a escola” e os estudos sobre a vida de Emillie de Villeneuve possibilitaram às crianças conhecerem as diferentes personalidades femininas e a sua importância para a história. A partir disso, repensaram papéis de gênero e a situação de vulnerabilidade de mulheres e pessoas em situação de exclusão e refúgio. Realizaram também atividades e reflexões sobre o tema, como os diferentes papéis assumidos em nossa cultura e o auxílio a mulheres e crianças refugiadas em nosso país. O papel das leituras de histórias de vida na construção da identidade, a partir das reflexões de Michèle Petit (2013), fundamentou o trabalho ao longo dos anos da sua realização e trouxe diversos resultados, como a criação de bordados e histórias em quadrinhos e a participação dos estudantes no projeto Futuro em Pauta, do jornal JOCA.

Palavras-chave: história de vida, desigualdade social e de gênero, artistas brasileiras, personalidades femininas.

A perspectiva de si e do outro: biografia e arte na identidade

A leitura de histórias de vida é uma poderosa ferramenta de construção de conhecimentos, formação de identidade e percepção da diversidade. Por meio delas, é possível conhecer diferentes contextos e seus impactos na vida e na história individuais e coletivas.

¹ Pedagoga, mestre em História da Educação, especialista em Neurociência e professora do 5º ano do Colégio Emilie de Villeneuve.

² Artista plástica e professora do 5º ano do Colégio Emilie de Villeneuve.

³ Pedagoga e professora do 5º ano do Colégio Emilie de Villeneuve.

O gênero “biografia” recentemente tem sido explorado em diversas pesquisas acadêmicas e linhas editoriais:

A retomada desta tradição da literatura, da história e da política não se deu em um único movimento. O gênero biográfico se fez acompanhar da revalorização da História Oral, como fonte/método/técnica de pesquisa, bem como dos arquivos pessoais – autobiografias e toda sorte de documentos pessoais, como diários, memórias, correspondências etc –, como preciosa fonte histórica (PEREIRA, L.M.L., 2000, p. 117).

Hoje encontramos uma grande gama de produções editoriais voltadas para crianças sobre as histórias de vida, com ilustrações e linguagem adequadas a cada faixa etária, sem perder a riqueza de detalhes e momentos descritos nos relatos. Desde coletâneas sobre grandes personalidades femininas até biografias de artistas e ativistas em formato de histórias em quadrinhos, há uma diversidade de materiais disponíveis que podem ser trabalhados no contexto escolar.

Sendo os livros de autobiografia, biografia e os relatos de vida “lugar privilegiado de encontro entre diferentes disciplinas”, constituem importante fonte de conhecimento histórico (PEREIRA, L.M.L., 2000). Fazer a escolha metodológica por essas leituras permite um contato único e interdisciplinar com o conhecimento, favorecendo a construção de diversos projetos.

Para além da construção do conhecimento nas diferentes áreas, o trabalho com os relatos de vida proporciona importantes subsídios para a construção da subjetividade e individualidade, contribuindo para a percepção da identidade do sujeito. Para Josso (2007, p. 419):

Ainda que a abordagem biográfica desenvolvida em situações educativas não tenha como prioridade a construção da identidade, as modalidades e objetivos de nossas pesquisas, baseadas no trabalho biográfico (construção da história escrita, Co-análise e Co-interpretação em situação de grupo), essa abordagem centrada na compreensão dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, enfoca, de certa forma, a questão da identidade. Ousáramos dizer que tal enfoque se faz a partir do interior, com pertinência ainda maior, porque abraça a globalidade da pessoa na articulação das dinâmicas psico-socioculturais, ao longo de sua vida. A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Os relatos escritos e falados permitem retratos da própria vida e da identidade. Retratar vem do latim *retractere* – o ato de criar a imagem de alguém ou de si próprio. O retrato é um

gênero bastante explorado ao longo da história da arte. Seu subgênero, o autorretrato, também tem sido desenvolvido de diferentes maneiras pelos artistas. Na arte-educação, ao abordar o retrato enquanto gênero, em qualquer faixa etária, constitui uma forma de discutir alteridade, empatia e o desenvolvimento de subjetividades (especialmente este último aspecto quando trabalhamos o autorretrato).

A identidade e, por conseguinte, a criação dos autorretratos são uma reinvenção constante, posto que:

A identidade não é essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. O outro é o outro gênero, outra cor diferente, outra sexualidade, outra raça, outra nacionalidade, outro corpo diferente (SILVA, 1995, p.97).

Ler e escrever biografias e autobiografias, assim como fazer retratos e autorretratos, permitem que adultos possam refletir sobre sua identidade e seus projetos de vida, na forma como se expressam e se representam. E as crianças? É possível que passem pelo mesmo movimento de reflexão e compreensão de suas identidades e raízes?

Michèle Petit contribui de forma significativa para essa compreensão das leituras e da leitura escolar. Para ela, quando os jovens leem:

“Em um sentido mais amplo, estão em busca de palavras que lhes permitam dominar seus medos, sentirem-se menos sozinhos, encontrar respostas às perguntas que os atormentam. Palavras que permitam a expressão daquilo que ficava em segredo. E os livros que tiveram importância para eles são os que revelaram aquele ou aquela que eles ainda não sabiam que eram, que os fizeram sair à luz” (2013, p. 110). Em sua pesquisa, Petit destaca o espaço da literatura na construção da subjetividade e como esse processo cria uma relação íntima com a leitura. É na leitura que crianças e adolescentes encontram o dito e o não dito, a fantasia e a realidade, a si próprios e ao outro.

O espaço artístico também permite a construção da subjetividade. Por isso, a questão da identidade também perpassa as artes em suas mais diversas técnicas e processos, sendo crucial na produção de diferentes artistas.

Bordar, pintar, aquarelar, narrar: criando percursos (auto)biográficos

A partir desses estudos, a equipe de professoras do 5º ano escolheu dois livros com relatos e histórias de vida, “Malala, a menina que queria ir para a escola” e “Artistas brasileiras”, em projetos assumidos pelas professoras de Ciências Humanas, Português e Artes.

Conhecer a biografia de diferentes personalidades foi o ponto de partida para a exploração da vida de mulheres marcantes na história. Com a vida de Malala, as crianças puderam conhecer a cultura paquistanesa e o ativismo da jovem pelo direito à educação e pelo acesso à escola, que permitiram um extenso debate sobre a educação no mundo e as questões de gênero envolvidas.

A abordagem sobre autorretrato teve início com a visita virtual à Casa Azul de Frida Kahlo. Ao serem conduzidos pelos corredores da casa, os educandos puderam perceber o quanto a produção de autorretratos da artista mexicana é marcada pelos diferentes processos vividos por ela em sua breve trajetória de vida – o acidente de bonde, o encontro com Diego Rivera, a militância política, o amor pela cultura popular mexicana.

Ao conhecer a vida e obra da artista, os educandos puderam redimensionar a questão do autorretrato para além de retratar uma (auto)imagem, mas como uma forma de elaborar suas próprias vivências, alegrias, angústias, gostos pessoais.

Nas produções das crianças, cada uma colocou em evidência algum aspecto importante das suas vidas como forma de homenagem: uma aluna resolveu se autorretratar com o pai que havia falecido, outra colocou os lugares e pessoas que foram marcantes em sua trajetória. Cada uma pôde, assim, deixar sua marca em suas produções. Certamente, se convidadas a realizar a mesma proposição nos próximos anos, as identidades reveladas nos autorretratos trarão mais nuances e novas questões.

O bordado também surgiu como outro recurso técnico na exploração do autorretrato. Bispo do Rosário⁴ utilizou as sobras de linhas que encontrava na Colônia Juliano Moreira, mesmo em parcas condições, na criação de várias peças de bordados em que teceu momentos de sua vida e as narrativas que estavam relacionadas a questões da esquizofrenia paranoide, doença da qual sofria. O bordado, enquanto técnica, é carregado de uma grande tradição: o ato de bordar guarda relação com a preservação da memória e dos relatos de vida. Por muito tempo, esteve associado ao ambiente doméstico, posto que era comum bordar peças utilizadas em casa. Na contemporaneidade o bordado tem sido retomado pelos artistas, associado a outras técnicas e muitas vezes discutindo pautas como gênero e raça. Sendo assim, pensando nos recursos que

⁴ Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) foi um artista brasileiro. Em vida, trabalhou na Marinha, na Companhia Light. Por conta da esquizofrenia, passou cerca de 50 anos vivendo em instituições psiquiátricas. Nesses espaços, acabou por produzir cerca de 1.000 peças com objetos do dia a dia.

cercam o bordado – do desenho no tecido ao ato de manipular a agulha no tecido –, isso levou as crianças a desenvolverem produções muito diferentes dos resultados produzidos em pintura.

Também foi explorado o tema dos diferentes movimentos migratórios e das pessoas em situação de refúgio a partir da realidade de Malala, que permitiu às crianças conhecerem a realidade dos refugiados no Brasil e no mundo, além de outros aspectos, como o tráfico e os fluxos migratórios.

Com a leitura das biografias e os processos de autorretratos iniciados, as crianças foram convidadas a pensar sobre suas próprias histórias de vida e sua identidade, escrevendo em formato de autobiografia seus gostos, preferências, momentos marcantes, pessoas que as inspiram e como pretendem mudar o mundo.

A escolha deste roteiro está intrinsecamente ligada aos temas explorados nas leituras. Nelas, além de conhecer novas realidades, os alunos foram instigados a pensar sobre suas próprias personalidades e identidades e a projetar o futuro que esperam para si e para o mundo.

Depois desse mergulho em suas próprias trajetórias de vida, o olhar das crianças foi conduzido novamente para o outro. Nesse sentido, foi abordada a leitura do livro *Artistas Brasileiras*, de Aline Lemos, no qual a artista traz pequenas biografias em forma de histórias em quadrinhos (HQ) de artistas brasileiras do final do século XIX até a contemporaneidade. A leitura em sala desse livro foi importante para que as crianças compreendessem o papel da mulher nas Artes, o qual, por muito tempo, foi relegado a notas de rodapé.

Os educandos foram convidados a criar histórias em quadrinhos de outras mulheres negras brasileiras, que atuaram em diferentes áreas profissionais. Para tanto, foi necessário não só o levantamento de dados sobre a vida e obra da pessoa a ser biografada, mas também compreender os recursos expressivos próprios da linguagem das HQs: da criação de um argumento, passando pelo storyboard, o estilo dos desenhos, o encadeamento da história até a arte final da HQ.

Conclusão

Por fim, todo o percurso desenvolvido em Arte e Português, em parceria com outros componentes curriculares, foi importante no olhar sobre si e o outro. Uma forma de repensar diferenças e pontos de contato, o impacto das questões de gênero e raça na vida das pessoas estudadas e como a arte acompanha os processos de mudanças sociais, bem como as formas de representação e autorrepresentação, é reinventada pelos artistas. Já as biografias, as autobiografias e os relatos de vida são ricas fontes de testemunhos, histórias e diversidades, que

contribuem para a formação da própria subjetividade e identidade e permitem que os estudantes reflitam sobre seu lugar no mundo a partir da realidade do outro, exercitando a empatia e a cidadania.

Referências

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, v. 3, 2000.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Nelson do Valle. Uma nota sobre 'raça social' no Brasil. *Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-asiáticos*, 26, 1995.